

**GUARDIÃS DO SEGREDO:
NARRATIVAS DE INICIAÇÃO DAS MULHERES
QUE JÁ NASCEM GRANDES.**

Rogério Lima Vidal¹

RESUMO

O estudo consistiu em socializar as trajetórias de iniciação das mulheres designadas como Ekedes² nos Candomblés de nação Nagô Yorubá³ e Macotas⁴ nos Candomblés Congo Angola⁵. Os caminhos deste estudo consistiram em identificar através de suas histórias de vida quais os motivos que às conduziram a assumir estes cargos a que foram designadas possibilitando compreender que representações são constituídas em suas vidas cotidianas dentro e fora dos perímetros da comunidade terreiro em que se encontram inseridas. Analisando como elas se sentem representadas pelo cargo que possuem. A ancoragem metodológica esteve apoiada com base na pesquisa qualitativa do tipo descritiva LUDKE e ANDRÉ (1986); MINAYO (2003); tendo como instrumento de análise para coleta dos dados a entrevista Semi-Estruturada THIOLENT (1980). Possibilitando compreender através de suas narrativas orais, conduzidas pela escuta sensível durante a entrevista, os desafios, as tensões e as escolhas e de que forma estas mulheres interpretam suas vidas tendo como base o seu olhar à religião de matriz africano-brasileira que se constitui nelas.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC. UNEB – Departamento de Educação campus I. Bolsista da FAPESB (Fundação de Amparo a Pesquisa). Pesquisador do NGEALC (Núcleo de Estudos Africanos e Afro-brasileiros em Línguas e Cultura). Pessoa_vidal@yahoo.com.br (71) 87444-2583

² Encarregada de zelar pelas divindades que descem em seus iniciados durante as cerimônias rituais, sendo a mais importante das assistentes do sacerdote ou sacerdotisa, porque, embora ela própria seja uma iniciada nos segredos do culto, não é possuída pela divindade a que foi consagrada

³ Designação dada às comunidades religiosas afro-brasileiras que cultuam os orixás e utilizam uma língua litúrgica de base nagô

⁴ Os mais velhos mais importantes na hierarquia religiosa

⁵ Denominação dada aos grupos étnico-religiosos que, através da língua litúrgica, dos ritos e mitos, distinguem os candomblés da Bahia em congo-angola, jeje-mahi, nagô-queto

1.0 INTRODUÇÃO

As religiões de matrizes africanas introduzidas no Brasil durante o processo do tráfico atlântico que perdurou durante quatro séculos trouxeram inúmeros significados. Entre eles, a garantia das bases de sobrevivências de diversas etnias negro-africanas, mescladas a outras e que aos poucos foram se remodelando e criando durante todos os percursos, várias formas de entendimento e se desmembrando em outras instituições fortemente organizadas.

Ressignificadas no Brasil, estas religiões se originaram em um território fecundo para novas formas de lutas contra a anulação dos princípios e valores deste continuum civilizatório negro-africano. A partir desta nova base civilizatória incrustada em um novo continente, se instaura a recriação de posições e cargos honoríficos moldando toda uma estrutura de identidades que são reforçadas dentro desta teia comunal e que se propaga na recriação do candomblé.

Como patrimônio religioso constituído pelos deuses negros no Brasil o candomblé traz a inserção de outros elementos providos do fluxo e mistura com outras vertentes já encontradas nas Américas. Esta organização caracterizada pelas influências e empréstimos de outras praticas culturais e civilizatórias traz a obediência aos diversos contextos históricos que ao mesmo tempo se afastam, mas também se aglutinam, engrenando uma força constituída de um único sentido a sobrevivência das formas sociais, históricas, políticas dentro do seu tronco comum.

Assim, novas alteridades são formadas reestruturando os valores da ancianidade e senioridade como princípios fundantes do mundo negro- africano. Repostos como elementos de preservação civilizacional do outro lado do atlântico, estes valores reafirmam uma estrutura não só simbólica, linguística, cosmogônica, mas, representativa, através de cargos, postos e responsabilidades, que nascem e se redefinem dando a vigorosa manutenção à nova religião que se instala nas Américas.

O candomblé em seu princípio fundante constitui-se na pura tradução de um povo que dele é parte integrante, que ao mesmo tempo ao vivenciá-lo traduzem-se suas expectativas de mundo, recriando valores que aos poucos são transpassados através de diversos laços consanguíneos ou socialmente construídos, bem diferente do seu solo de origem. As posições hierárquicas contidas nas religiões africanas,

reconstruídas através do candomblé nas terras brasileiras é o suporte que vai engrenar a manutenção da continuidade transatlântica. O corpo de significados que compuseram os antigos postos, cargos, tronos é reconstituído no Brasil nos mais escondidos matagais, casas, barracos que ao rufar dos ngombe⁶ traziam pelo seu som as lembranças de seus antepassados e é o que estrutura toda uma dialética dentro e fora dos perímetros do terreiro. Novos postos são reintroduzidos a fim de garantir novos valores que vão movimentar a vivência de um povo que busca na sua religião sentidos geradores de suas vidas.

Esta introdução visa aproximar este território secularmente manifestado de lutas e resistências e destacar uma figura de suma importância neste processo de criação\recriação dos valores negro-africanos nas Américas que denominamos de *Ekedes* e *Macotas*. Não pretendemos ocuparmos em conceitualizações ou estabelecer equivalências entre as designações de ordem semântica entre os termos *Ekedes* e *Macotas*. Nem tão pouco adentrar na constituição histórica desses cargos e como foram transportados dos seus solos de origem para as Américas. Mas possibilitar entendimentos a respeito das circunstâncias que conduziram estas mulheres ocuparem respectivos cargos expandidos e dialogados no trato cotidiano e que produzem sentidos, desejos e ideias de vida.

Estas mulheres que antes de tudo se constituem “*mães dos seus filhos Orixás e Inquices e que já nascem grandes*” trazem em suas narrativas de vida um olhar denso aplicado pela obediência e responsabilidade diante de seus filhos *Orixás*⁷ e *Inquices*⁸. É principalmente quando estas divindades estão na “cabeça de seus iniciados” numa espécie de transe em que toda uma postura, zelo e assistência e proferida pelas *Ekedes* e *Macotas*, pois para além do divino os iniciados para estas divindades também são seus filhos.

Sendo importante salientar, que os processos ligados as africanias caracteriza-se também por novas forças religiosas que ao se formarem originárias deste tronco africano desempenham uma importante continuidade pela força feminina e que jamais poderia ser encontrada em outras formações e instituições religiosas na época. As religiões de base africana aglutinam em torno de suas raízes

⁶ (Banto) Tambor cilíndrico, de uma face, feito de um toco oco, usado nas cerimônias congo-angola.

⁷ Designação genérica das divindades do panteon iorubá ou nagô-queto. Inquice, vodum.

⁸ (Banto) Designação genérica das divindades em congo-angola. Orixá, vodum.

o poder e liderança feminina como um elemento marcante como sinaliza Bastos (2005). Vejamos:

Nas religiões afro-brasileiras, particularmente, o sexo feminino parece ocupar uma posição de maior destaque em comparação às outras religiões. Podemos perceber que na religião católica, não é permitido às mulheres dirigir a cerimônia de maior destaque, que missa. Nos templos evangélicos e pentecostais a situação se repete, pois a grande maioria de bispos é do sexo masculino. (BASTOS, Apud ROSADO NUNES, 2005, p. 365)

Tendo como referência a contribuição de Bastos (2005) é possível pensar que a importância dessas mães se difundiu nos candomblés na Bahia e como sua presença se tornou tão necessária na vida litúrgica, assim como nos interstícios sociais que também respira o candomblé. Mas, sabemos que em outros tempos dos imemoriais candomblés na Bahia como na atualidade a figura de uma *Ekede* ou *Macota* com sua tolha ao lado de algum *Orixá* ou *Inquice* sob as bandeiras de um barracão iluminado a gás, ou no carbureto, ou na presença das novas e modernas iluminações, transmite a alegria, o rigor da responsabilidade de quem toma pra si a adoção de filhos que são divindades.

O papel, ou melhor, a introdução da mulher como uma das principais figuras de manutenção e resistência de diversos cultos e segredos designados do “Axé”⁹ foi de suma importância para os processos de manutenção constitutivos das africanias no Brasil, tendo como um dos elementos significativos desta resistência o candomblé.

Essas mulheres designadas de *Macotas* nos candomblés de procedência Banto que foram os primeiros que começaram a se constituir no Brasil em específico nas regiões do recôncavo da Bahia ou *Ekedes* nos candomblés de nação Keto, desempenham importantes posições que ao mesmo tempo se estabelece um diálogo entre suas obrigações dentro e fora dos perímetros do terreiro, estabelecendo o controle das trocas comerciais nas feiras livre e outros mercados. Vergê (1992) aponta para uma relação econômica, pois pelo fato de serem boas comerciantes, estas mulheres tinham a possibilidade de adquirir bens e com isso

⁹ Em yorubá “energia”, “poder”, “força”

garantir a manutenção religiosa através de compras de produtos pertencentes aos seus cultos.

“Por toda a África” à mulher se deu tradicionalmente grandes oportunidades como propriedade e controle de hortas e pomares, negócios domésticos, sociedades secretas e reconhecimento oficial de sacerdotisa e médium, os paços da rainha e outras entidades que tratam de interesses femininos; por vezes a mulher as partilhava com os homens. Este era bem o caso nas complexas sociedades da África Ocidental de onde veio, ou descendia grande parte da população escrava (...).(VERGER,1992,p. 100,102.)

Alguns trabalhos como o de Bastos (2002); Luz (2004) analisa a existência de um poder mítico feminino centrado nas mulheres, ligados a continuidade e expansão da vida, sendo providas como progenitoras e sua ligação com a terra como uma ligação ancestral-mítica, elemento muito rico entre as civilizações negro- africanas e ameríndias. Este discurso mítico está presente na relação de maternidade entre estas senhoras “criadeiras” que mesmo sem ter tido filhos consanguíneos adotam com maestria outros filhos designados de *Muzenzas*¹⁰ nos culto Bantos e *Yaôs*¹¹ nos cultos da nação *Nagô Yorubá* dos terreiros de candomblés na Bahia

“O que impressiona é como, na mitologia que dá base ao candomblé e à umbanda, a mulher está, em muitos casos, acima do homem, em posição principal em grau de importância. Essa posição ajuda a explicar mais sobre a respeitável posição feminina presente na religiosidade hoje. Sobre as mães ancestrais, importantes entidades das religiões afro-brasileiras, que são muito temidas “(BASTOS, 2002, p. 06)

Antes de aprofundar nos relatos destas mães rainhas, gostaria de trazer alguns aspectos relevantes ao candomblé e aos poucos tentar esboçar algumas considerações a respeito dos seus processos educativos que acontecem. Trato por esta linha desenvolver em grande esforço teórico e com muita cautela um falar de dentro com muito respeito para não profanar um chão que me nutre e reforça meus

¹⁰ O noviço em congo-angola. Cf. iaô, vodunce

¹¹ Designação genérica dada aos noviços de ambos os sexos, postos de reclusão por três ou sete semanas, sozinhos ou em grupos, período a que se submetem a certos ritos secretos, que completam a sua iniciação religiosa.

sentidos de existir. Contudo neste primeiro caminho busco ancoragem teórica nas contribuições de Gonçalves (2005) quando a mesma diluída neste espaço de fala aborda o candomblé como espaço educativo, este princípio é próprio das civilizações que desembarcaram no Brasil em decorrência dos processos escravizatórios.

De acordo com o pensamento da autora o candomblé tem um sentido comunitário que ultrapassa o religioso, seus membros estão ligados por uma forma particular de organização social e política. Neste aspecto o grupo obedece a uma extensa rede de relações hierárquicas, historicamente construída dentro da própria cotidianidade dos terreiros, estabelecendo outra consciência de mundo, constituído de outros valores simbólicos e materiais que se contrapõem e se contorcem ao plano contemporâneo e ocidentalizado e capitalizado que os membros ou filhos de santo dos terreiros vivem e lutam do lado externo da vida dos terreiros de candomblé.

“Os membros de um terreiro estão inseridos concomitantemente em dos mundos com valores diversos e em permanente interação: o terreiro e a sociedade abrangente O terreiro articula-se com a sociedade de classes através da inserção de seus membros no mercado de trabalho e através da troca de bens simbólicos” (GONÇALVES, 2005 pág. 41)

Para além de um espaço social e político, o candomblé é um espaço pedagógico que envolve os filhos de santo pertencentes ao terreiro há outra forma de educação e socialização em diversas estâncias do cotidiano dos “mais velhos da casa” aos adultos, jovens e principalmente as crianças, sendo que estas merecem destaque na observação, condução e cuidados ao educar” que desde cedo” aprendem o seu lugar e se envolvem com as atividades do fazer do terreiro entre brincadeiras e aprendizagens como: trançar palmas de *mariô*¹² e palha da costa, a tocar os instrumentos musicais do *Xirê*¹³, aprender as músicas de louvor e agradecimento aos *Inquices* ou *Orixás* a depender da nação do terreiro e se apropriar das primeiras falas utilizadas no dia a dia e nas festas pelos *Tatas*¹⁴, *Cotas*¹⁵ e *Macotas*, sendo

¹² Franjas de dendezeiro desfiadas, símbolo de Ogum

¹³ Ordem de precedências na qual são cantadas os cânticos em louvor às divindades afro-brasileiras

¹⁴ (banto) Pai, tratamento respeitoso, título equivalente a ogã.

¹⁵ (banto) Título congo-angola para aqueles com mais de sete anos de feito.

falas com significados diversos ou frases curtas de procedência africana e de domínio particular de cada membro da comunidade do terreiro a depender de sua condição hierárquica e de aprofundamento nos fundamentos e Axés da casa.

Neste campo de aprendizagens em relação aos filhos do terreiro, eles também se envolvem com as narrativas míticas contadas sempre pelos “mais velhos da casa” que trazem através dos seus enredos os segredos dos *Inquices* e respostas aos tantos por quês dos filhos destas divindades. Neste aspecto essas narrativas míticas além de rememorar revigoraram, pela articulação da fala, a passagem desses *Inquices*, *Orixás* ou *Voduns*¹⁶ e estabelecem um ponto de ancoragem que define um corpo de entendimentos que validam as interdições, os valores, a moral, o sexo, os amores, as lutas, disputas, conquistas e outras manifestações humanizadas através dos mitos e também das músicas cantadas nos *Xirês*, sendo que todo esse contexto gradativamente aproxima os filhos da casa aos valores e a importância da sua cultura afro brasileira.

A oralidade é um presente e a força motriz da existência divina, os mitos afros brasileiros existentes no terreiro encontram-se conduzidos pelas gargantas dos seus narradores (educadores), são ressignificados a cada narrativa e atendem as necessidades de seus ouvintes: os filhos destas divindades; tudo fala; tudo se corporifica, cada divindade encontra-se ressignificada no círculo, traço principal do *xirê* que se movimenta e este movimento cíclico é a história revigorada pelos filhos e filhas e mães de santo do terreiro.

2.0 DE QUE LOCAIS NASCE O CHAMADO: O ENCONTRO COM AS NARRATIVAS DESTAS MÃES QUE JÁ NASCEM GRANDES.

Este trabalho se detém na responsabilidade e cuidado de trazer a baila um elemento que para mim se apresenta como novo no que diz respeito ao campo religioso do Candomblé de Salvador.

Apresento neste capítulo os primeiros sinais que compõe os extratos desta pesquisa amparado na entrevista semiestruturada seguindo as contribuições de LUDKE e ANDRÉ (1986); MINAYO (2003) que como instrumento de pesquisa trouxe grandes contribuições para entender como se dão os processos de iniciação dessas

¹⁶ Designação genérica das divindades em jeje equivalente a inquice e orixá.

mulheres através dessas narrativas, tentando com isso estabelecer o cruzamento do registro de suas falas entre a abordagem teórica que reveste o texto. Assim, ocuparei nestas terras os primeiros sinais que indicam o desempenho destas mulheres, Ekedes e Macotas nos seus terreiros de candomblé em que se encontram ressignificadas desde a entrada e saída de sua comunidade terreiro. Neste aspecto trago algumas contribuições das interlocutoras desse estudo quando perguntadas sobre seu processo iniciatório.

“Sempre gostei do candomblé aprendia as coisas acompanhando minha tia mais velha” (N.C. S 46 anos)

“Eu ia desde criança meu pai reclamava e me batia, mas eu ia sempre” (L.C. S 57 anos)

“Sofri muito passei por muita coisa ficava doente e minha mãe caía na lagrima não sei, mas sei que depois que entrei para o candomblé meu filho! E Omolu me confirmou (hum...). Me tornei gente. Vendi muito acarajé para construir minha casa, mas foi meu pai que me valeu” (M.H.C 72 anos)

Esta nossa primeira análise circula em apresentar através das falas como podemos observar os diferentes papéis sociais que estas mulheres/mães interpretam na sua vida cotidiana, nos seus respectivos terreiros e fora deles. Percebemos nestas narrativas diversos caminhos que foram tomados por elas e em que condições foram seus processos iniciatórios. É possível perceber em suas falas o deslocamento de perspectiva após o processo de iniciação quando a terceira informante desse estudo, com 52 anos de confirmação, traduz em poucas palavras como este processo de tomada de um cargo na religião pelo seu filho, a divindade “*Omólú*”¹⁷ gerou uma transformação de sua vida, sendo que o momento da sua confirmação trouxe toda uma mudança na estrutura e no contexto de sua vida social, que vinculado a esse discurso proferido pela mesma encontramos a seguinte questão: “Me tornei gente”. Tornar gente nesta situação nos convida a pensar no contexto histórico em que a informante da pesquisa foi confirmada para o referido cargo, refletindo com isto que a sua inserção no candomblé trazia para si diversos

¹⁷ Senhor das doenças, orixá da renovação dos espíritos; considerado o campo santo entre o mundo material e o mundo espiritual

valores de ascendência social não legitimada pela sociedade abrangente. Sociedade esta em constante construção e diálogo com os valores de base europeístas em que as populações negras encontravam-se em uma zona intermediária da acumulação de bens e capital.

Percebemos por meio da entrevista semi estruturada as falas de vida dessas mulheres rainhas e assim seus corredores mais escondidos como suas vidas foram se modulando pelo “chamado do Orixá” momento em que é suspensa¹⁸ e se organiza a depender de suas próprias convenções o momento da confirmação¹⁹. Nosso campo de pesquisa não esteve preso ao terreiro em que estas mulheres executam a sua voz e altivez para ocupar o que denominamos de campo, sedemos lugar para as histórias orais, as narrativas que compreendem os percursos de vida destas mulheres que em um mundo ainda que marcado pela exclusão e outras desigualdades sociais, parece que o candomblé possibilitou a voz de mando, o poder feminino destas mães dos filhos que não pariu.

“Sou muito respeitada em qualquer lugar que vou” (N.C. S 46 anos)

“Lá na outra casa que minha sobrinha foi confirmada é a mesma coisa meu filho, o respeito é o mesmo e eu gosto muito de tomar a benção e cobro também senão acaba a hierarquia do candomblé” (L.C. S 57 anos)

Procuramos neste segundo momento entender que leituras essas mulheres trazem do mundo e das coisas ao seu redor a partir de sua vivência e iniciação como detentoras de um cargo de grande importância nos seus candomblés. Tivemos o cuidado de não adentrar em determinados assuntos que poderiam gerar um afastamento ou quebrar o vínculo que foi firmado com um determinado tempo e convívio no momento das entrevistas. Essas mulheres não são simples pessoas, mas há um sentido todo especial que toma conta de suas vidas quando se tornam mães e levam este sentido para todo o campo de suas vidas cotidianas. Ser *Macota*

¹⁸ Diz-se do candidato à iniciação como Ogã ou Ekede que é aclamado (a) numa festa pública do candomblé quando é carregado (a) pelos participantes da cerimônia

¹⁹ Consagrar alguém no santo ou como Ogã ou Ekede

ou *Ekede*, a princípio, não obedece a um desejo próprio; é atender a escolha do orixá a um contrato que é estabelecido para além da compreensão humana.

No decorrer das falas dessas mulheres procuramos indagar um pouco como elas interpretam o candomblé, procurando apreender o sentido desta religião estando atento para estar sempre voltado ao nosso foco que é entender que representações estas mulheres trazem a partir de suas vidas como detentoras de um cargo de grande importância no axé. Como elas enxergam e interpretam suas vidas dentro e emergidas em um corpo de valores de base africano-brasileira, percebendo que as suas vidas estão intimamente integradas a este vínculo. Vejamos:

“Há meu filho se eu não fosse do candomblé e Ekede! Não queria ser de nada!” (N.C. S 46 anos)

“Abaixo de Deus meus Orixas! Eles são todos meus filhos!” (M.H. C 72 anos)

É possível perceber nestas falas a construção de um sentimento de valores que gera a aquisição de um sentimento de existir que pode estar fortemente motivado pela iniciação religiosa dessas mulheres no culto do candomblé. Notamos em algumas falas recolhidas o princípio de sociabilidade e comunicabilidade que confere um lugar no calçamento das vidas dessas mulheres. A confirmação está para além de um processo em que se pretende desempenhar um papel importante dentre os fazeres. Há nesse contexto a mediação de outras trocas que são estabelecidas e que confere a identidade e relevância dessas mulheres, permitindo com isso a sua penetração em outros arranjos sociais. O que se pode perceber, ainda de forma superficial, na análise dessas narrativas é que a religião do candomblé fornece através da organização de suas estruturas bem compartimentadas a possibilidade de gerar a sobrevivência e visões de mundo possíveis de dialogar com outras existentes.

3.0 ALGUNS PONTOS CONCLUSIVOS

As reflexões teóricas em concomitância a escuta sensível dessas mulheres conhecidas como *Ekede* e *Macota* foram de grande auxílio para perceber a formação de um sentimento de apropriação identitária que o candomblé institui nelas e como suas comunidades terreiros e o lugar de onde se fala é o lugar de conhecimento delas, que vai ser concebido como campo de conhecimento envolvido com os conceitos que lhe sustentam.

Assim, posso concluir que pensar nessas figuras de representatividade dentro da religião do candomblé para educar e fortalecer os valores pertinentes as suas comunidades terreiros, trazendo os seus saberes do construído ao vivido é um convite para poder pensar a partir destas próprias comunidades, como um diálogo desprovido de subalternidade e de quem pensa sobre o respeito, a sabedoria e os ensinamentos de quem os realizam.

Para estas comunidades terreiros os vínculos de educar e formar estão ligados aos saberes ancestrais, pois a ancestralidade é tudo o que antecede o que somos e são estas mulheres que elaboram este corpo de sentidos. Existe um legado no discurso dessas mulheres que forma, que conduz e orienta os seus filhos e filhas da comunidade, através do corpo das festas, dos mitos, dos contos de origem, de outras manifestações e dos ensinamentos com normas de condutas, que consiste na continuidade das tradições repletas de sentidos que são revigoradas por essas grandes “mães que já nascem grandes”

4.0 REFERÊNCIAS:

BASTOS, Ivana S. O perfil dos terreiros de João Pessoa. **Relatório 2008**. João Pessoa:

UFPB, 2008. 22p. Mimeo.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular**.

São Paulo: Brasiliense, 1980.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares Africanos na Bahia**. 2 Edição Salvador: Academia Brasileira de Letras \ Top Books editora, 2003

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

Publicado originalmente em 1947.

LIMA, Vivaldo da Costa. Organização do grupo de Candomblé. Estratificação, Senioridade e

Hierarquia. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. **O culto aos orixás, voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004.

VERGER, Pierre. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: **Artigos**.

São Paulo: Corrupio, 1992.

<http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/omolu-obaluaie/> dia 06/12/2011 às 09:55

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ax%C3%A9> dia 06/12/2011 às 10:17